

**PAISAGENS DOMÉSTICAS DO PORTUGAL DO VIAJANTE
WILLIAM BECKFORD: ITINERÁRIOS COM JARDINS,
PAREDES, MOBILIÁRIO, ALMOFADAS E SABORES
DOMESTIC LANDSCAPES OF TRAVELER WILLIAM
BECKFORD'S PORTUGAL: ITINERARIES WITH GARDENS,
WALLS, FURNITURE, CUSHIONS AND FLAVORS**

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA
Universidade NOVA, FCSH
acamosgouveia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6053-7411>

Texto recebido em / Text submitted on: 08/11/2024
Texto aprovado em / Text approved on: 28/01/2025

Resumo

Percurso de vida do inglês William Beckford (1766-1844) e de reconstituição do seu olhar como viajante. Tendo como corpo documental dois registos diarísticos de 1787 e 1794, depois retocados e publicados em 1834 e 1835, colocar a questão: como perceber o que é, o que a constitui e como se configurou, nestes textos, uma paisagem doméstica? Explorar esta proposta através de aproximações do exterior para o interior dos edificadas, das totalidades observadas para os objetos de cultura material que as preenchem.

Palavras-chave

William Beckford (1766-1844); Viajante; Escrita; Paisagem Doméstica; Objetos.

https://doi.org/10.14195/2183-8925_43_6

Abstract

Life trajectory of the Englishman William Beckford (1766-1844) and the reconstruction of his perspective as a traveler. Taking as a documentary body two diary records from 1787 and 1794, later retouched and published in 1834 and 1835, ask the question: how to perceive what a domestic landscape is, what constitutes it and how it was configured, in these texts? Explore this proposal through approaches from the exterior to the interior of buildings, from the observed totalities to the objects of material culture that fill them.

Keywords

William Beckford (1766-1844); Traveler; Writing; Domestic Landscape; Objets.

Um viajante, um viajante inglês

Os estudos sobre viajantes e sobre William Beckford (1766-1844) como viajante já tiveram melhores dias. Não que o tema, viagem, viajante, um olhar distanciado mais ou menos enviesado, se tivesse esgotado, mas porque o aprofundamento possível em grupos de investigação pluridisciplinares nunca foi conseguido nem continuado.

Olhando essa produção bibliográfica passada encontramos linhas de fundo que se repetem e outras que permaneceram no simples apontamento. Porque não é possível colmatar faltas e porque o trabalho apresentado é muito direcionado e de contornos definidos, selecionamos dessa bibliografia alargada apenas cinco títulos que, por diversos carreamentos e conclusões parecem conseguir sintetizar o viajante inglês em direção aos conteúdos aqui procurados. As escolhas recaem em trabalhos distanciados nas datas de investigação e nas temáticas que encerram, mas concorrentes na cultura material, no uso do edificado e do objeto, que permitem uma aproximação às paisagens domésticas.

Os cinco livros selecionados, dois deles com autorias coletivas, podem agrupar-se nas duas preocupações de fundo deste artigo. Uma, explicativa de dimensão biográfico-conjuntural, deixando compreender as narrativas e os olhares sobre as realidades sociais que se refletem na observação da paisagem doméstica. Uma outra, a analítica do objeto, se se quiser, dos objetos, permitindo um discurso descontínuo sobre diferentes afloramentos do que chamamos, de forma experimental, mas operatória, paisagem doméstica. No cruzamento daquela explicação com a analítica,

há uma descrição na direção de uma configuração, autoral, de reflexos conjunturais, desde logo a observação-escrita e a observação-impresa, e de distância exterior ou «estrangeira». Sendo que o conteúdo deste cruzamento desenha a pergunta de fundo que pauta o artigo. Como e do que compõe William Beckford a sua paisagem doméstica portuguesa?

No livro de Malcolm Jack (1996) a contribuição conseguida resulta da metodologia de síntese bibliográfica adotada, centrada na passagem e na escrita de Portugal por Beckford. O traçado biográfico, os temas da primeira estada formam um corpo de conteúdos. Um outro, retém os «literary fruits» (Jack 1996: 78-99) e, por fim, trata os «palaces, towers & gardens» (Jack 1996: 100-123), numa frase, o livro permite entender melhor os domínios sociais do observador.

Laura Pires (1987) conseguiu o melhor e mais documentado estudo sobre Beckford em Portugal. O conhecimento integral e cuidadoso da produção literária aliada, razão de fundo da investigação (Pires 1987: 67-118), em conjunto com integrações no mundo social que nela se reflete e nas preocupações e gosto do seu autor (Pires 1987: 209-268) tornaram este estudo, ainda hoje, dificilmente ultrapassável.

O seu trabalho ganha forma na exposição que em 1987 aconteceu no Palácio Nacional de Queluz (*A viagem de uma paixão* 1987). O catálogo guarda da exposição duas importantes aporções, ambas muito próximas da problemática deste artigo. Por um lado, junta à excelente antologia beckfordiana, numa seleção de Laura Pires, iconografia e alguns objetos de quotidiano aliados à cultura material das viagens. A estes dois importantes tópicos acrescem estudos muito interpelativos sobre diferentes temas, como terá olhado o reino, Lisboa, a música, o teatro, as carruagens e a física de salão (*A viagem de uma paixão* 1987: 18-29, 30-45, 50-61, 62-69, 70-79, 81-83).

Numa linha paralela, mas de busca, não das imagens e objetos nas viagens, mas nestes as razões da viagem de um colecionador, foi editado o catálogo da exposição *William Beckford, 1760-1844: an eye for the Magnificent* (2001). Não só o catálogo e a reconstituição das conjunturas da coleção e do gosto que a congrega são notáveis, como os ensaios que aqui se publicam. É uma obra de referência, na investigação, nas metodologias do estudo de uma coleção e na perceção do colecionador, assim como na riqueza e qualidade das imagens e sua inventariação crítica. No seu todo, o livro denota o enorme trabalho em falta e a realizar sobre os objetos da cultura material do Portugal setecentista e é, por isso mesmo, muito motivador e pode vir a ser um bom modelo para esse estudo futuro.

Depois dos trabalhos fundamentais sobre cultura material do quotidiano de Nuno Luís Madureira e sobre sociabilidades urbanas de Maria Alexandra Lousada, o estudo de Carlos Franco, centrado nas elites de Lisboa entre 1750 e 1830 (Franco 2015), conseguiu uma síntese equilibrada e, sobretudo, de valorização dos objetos. Estas duas dimensões estão direta e indiretamente presentes neste artigo e, por isso, importa recuperar aspetos deste estudo.

Uma vida-viagem

William Beckford nasceu em 1760 numa família da ativa e alta burguesia urbana londrina em procura de ascensão social e de participação no poder parlamentar. Seu pai era um rico mercador e grande proprietário na Jamaica colonial, um próspero produtor de açúcar com base na exploração de mão de obra escravizada. Era da Jamaica que lhe advinham rendimentos capazes de permitir, a ele e a toda a família, uma vida de extremo desafio e conforto.

O pai, o Alderman William Beckford, lembrado como herói pelos seus debates parlamentares enquanto militante Whig, morre quando ele tem nove anos. Será a mãe, Mrs. Maria Beckford, cujo avô materno era neto de Maria Stuart, que orientará a sua cuidada educação, em casa, sob a direção de um tutor, e marcada por princípios de base calvinista, numa visão metodista.

Quando chegou o momento de aprofundar os estudos não foi a Universidade que apareceu como escola possível, mas sim, a partida para o estrangeiro e os contactos com outras gentes e saberes.

A primeira paragem foi em Genebra, onde, em casa de um tio, e com um novo percetor, os estudos deveriam ser continuados. A viagem foi curta (1777-1778), mas o gosto ficou.

Em 1780-81, seguindo aquilo que era já entre a aristocracia inglesa um hábito, é a vez do *grand tour*. Essa viagem, percurso final do amadurecimento dos jovens, servia de prova, quase que iniciática, à sua passagem ao mundo dos adultos.

A Bélgica, Países-Baixos, a Alemanha, a França, Suíça e, depois, a Itália deliciaram Beckford e concluíram um ciclo da sua vida.

Depois, tutelado pela sombra da mãe, que só morrerá em 1798, é encaminhado para o plano da respeitabilidade, o que significou uma

responsabilidade socialmente assumida. Um homem é um pai de família e, por isso, o casamento foi o primeiro passo a dar. A escolhida foi Lady Margaret Gordon, filha do conde de Aboyne. Uma vez casado, com ela fará mais uma viagem à Suíça e a Paris.

Em 1784, William Beckford inicia-se na vida parlamentar e nesse mesmo ano o seu nome faz parte das listas daqueles que o poder irá distinguir com o título de *Lord*. Ele era agora o elemento de uma burguesia distinguida e referendada. A participação na Câmara, ao lado da antiga nobreza, da qual ele pretendia descender através da sua mãe, nunca chegará. No mundo social ele permanecerá entre as aristocracias mercantis do poder. Mais ... quase de imediato foi excluído, numa atitude de julgamento e proscricção social, com base num pressuposto moral de natureza homossexual envolvendo o jovem William Courtenay.

Beckford, assumia no salão o que a literatura fixou na figura do dândi. Alguns traços da biografia de Beckford são psicologicamente definitórios deste seu estar social de acentuada dimensão homossexual (*William Beckford* 2001: 17-31). De todos eles aquele que é mais visível e mais marca os seus percursos de vida é o da inconstância. Esta inconstância é o traço definitório do seu viver sexual, atraem-no os jovens e não o atraem; atraem-no as raparigas e não o atraem. Quer e não quer D. Henriqueta Marialva, claramente nunca a quer; quer e não quer D. Pedro Marialva, sentimentalmente deseja-o. Por tudo isto, ele próprio assume a inconstância na construção autobiográfica das viagens (Jack 1996: 8-9).

Partir, viajar, significou agora fugir, procurar no exterior uma situação onde não fosse atingido por aquilo que ele considerou como uma campanha difamatória.

Desde aqui, William Beckford foi um foragido endinheirado de refinados gostos, vivências e colecionismo estético, um dândi protorromântico inebriado pelo exótico. O exótico asiático, das chinoiseries, e o de Portugal, idílico ou parado no tempo, ambos registados na escrita e no refinamento de pequenos hábitos de quotidiano.

Os familiares, os aparentados e as gentes do seu círculo social «aconselham-no» a uma viagem mais longa, desta vez à Jamaica, a pretexto de conhecer e zelar pelas propriedades, fonte da sua riqueza. A ideia não lhe agrada, mas acaba por partir (D23Ag87).

Sai de Falmouth mas, logo que o barco onde viajava aporta em Lisboa, abandona a sua rota de destino, desembarca todos os seus pertences e deixa-se ficar. Este era o jovem inglês de vinte e sete anos que, pela

primeira vez, iria estar em Portugal de março a dezembro de 1787 e que dava pelo nome de William Beckford. Tornará de 1793 a 1795 e irá até Alcobaça e à Batalha. Com a morte da sua mãe em 1798, refugia-se em Lisboa até 1799, nada deixou escrito e nunca mais voltará.

Os cinquenta e sete anos de vida que Beckford percorreu desde a sua primeira visita a Portugal até à sua morte, em 1844, são um entrecruzamento de construções. A partir de 1799 constrói o seu Portugal. São apontamentos manuscritos a anotar, cartas a escrever, jornais a recortar e livros a publicar. Ao mesmo tempo constrói casas e jardins, coleciona objetos de arte e de luxo, livros ... e viaja pela Europa.

Este caminho por caminhos, este amontoar de olhares e de hábitos dos outros, este medir e narrar o observado, este processo caminhado em forma de aprendizagem, uma aprendizagem de viagens, aliado a uma sensibilidade estética absorvente, educada e desenvolvida, desenhou um mapa de opiniões e de referências que, mesmo quando não estão expressas estão presentes. De Londres a Fonthill e a Bath, de Aranjuez e Madrid a Nápoles e Paris e, também, de Lisboa, de Sintra e do vale de Colares, ao Real Edifício de Mafra, ao palácio de Queluz, à Basílica da Estrela, aos mosteiros de Alcobaça e Batalha, ao Ramalhão em Sintra ou ao palácio neoclássico de Mr. Gerard de Visme em Benfica, é sempre o viajante que se descobre a si e descobre os espaços edificados que se impõem.

Viajar tornou-se para Beckford uma atitude de vida, uma forma de estar no mundo como observador e agente de diferença. As muitas viagens foram trabalhosas, mas pouco desconfortáveis, «há tanta azáfama sempre que me mudo, tanto fazer de malas e transportar em carroças, tanta complicação com cozinheiros e maîtres d'hôtel, e Deus sabe com quem mais! Que louco que sou em preocupar-me com todas estas comodidades.» (D31Maio87). Nos anos de final de setecentos e primeiras décadas de oitocentos em que decorreram, em resultado da proteção que a sua riqueza e as proximidades a algum poder lhe dispensavam, permitiram em cada local, as melhores hospedagens, quer em casas ou quintas-palácio de particulares, quer nas estalagens públicas possíveis. Viagens por terra que, excetuando as travessias para o continente europeu, eram uma fuga às agonias do enjoo que Beckford dificilmente suportava.

Mais uma vez, neste seu caminhar pelos diferentes espaços na procura de urbanidade, Beckford demonstra ser, realmente, um inconstante...

Os cinquenta e sete anos de vida que Beckford percorreu desde a sua primeira visita a Portugal até à sua morte são um entrecruzamento de construções – casas, jardins, colecionismo, livros... e de viagens pela Europa.

A caracterização do inglês William Beckford, que viajou e estanciou por Portugal em 1787, de 1793 a 1795 e de 1798 a 1799, na sua consistência familiar e social, ajuda a aperfeiçoar a sua compreensão enquanto observador e criador de paisagens domésticas.

A escrita, a publicação e a edição.

O corpo de documentos que aqui se utilizam merece uma classificação cronológica o que, ao mesmo tempo, denota a sua situação autoral e de relação/implicação com os públicos. Este esclarecimento permite limitar, desde logo, as deduções e afirmações recuperadas em torno do espaço doméstico e do seu conforto, e impõe um cuidado contínuo na circunscrição dos temas abordados. Estamos a descrever e interpretar realidades de autoria. Como que a esclarecer a atitude de observador de William Beckford, o inglês viajante, de que traçámos um perfil.

Os textos de *Esboços* [E] e *Recordações* [R] que se referem às viagens a Portugal em 1787 e 1794, foram editados por um homem de 74-75 anos, em 1834 e 1835, e retratam os sentidos, as gentes, as coisas e o próprio Autor em 1787 e 1794. Os rascunhos em que eles se baseiam, o *Diário* [D] e os *Apontamentos* [A], foram escritos em 1787 e 1794, por um jovem de 27 e de 34 anos respetivamente, e retratam aquilo que nesse momento ele próprio vivia, com sucessivas correções ou reescritas realizadas ao longo de toda a sua vida.

Ter presentes estas variações, resultantes de um processo de escrita, que envolveu Beckford ao longo de toda a vida, permite ser um pouco mais preciso nesta mesma nebulosa de observar, anotar, rascunhar e editar que torna estas camadas tão interessantes, mas, muitas vezes, camadas não-datáveis. Escrevia em 1835, na introdução a recordações de 1794, «Outro dia, ao examinar uns papéis, encontrei-me com algumas breves notas desta excursão, (...) então invoquei os poderes da memória – e olhai, cresceu a série de recordações [recollections] que agora estou a submeter.» (RA advertência).

As datas de início de escrita e as de primeira passagem a impresso são determináveis. As muitas e muitas palavras entrelinhadas nos inúmeros

manuscritos presentes na Bodleian Libraries de Oxford (Catalogue 1987) raramente são datáveis, e por isso, têm de ser utilizadas com cuidado e, muitas vezes, são desprezáveis como conteúdo, mas, e apenas, aceitáveis como notação do sentido de uma intervenção posterior à escrita imediata.

Jovem sensível, de gosto educado voltado para as artes (pintura e, sobretudo, música), com poder económico e senhor de uma vivência sociomoral em libertação dos entraves de uma moral metodista, dá largas a si próprio, deixa-se naturalmente conduzir pelos sentimentos e expressa-os de si para si, retoca-os ou reescreve-os, apaga-os e, sempre passados largos anos, publica-os. A constante construção sobre o real é-lhe consciente, «vieram-me à memória as deturpações que tantas vezes encontrei em romances históricos do meu próprio país.» (R7°d9Jun35).

Os tempos e formas de observar

Em todo o mundo beckfordiano há essa coexistência permanente entre o real escrito, observado e vivido, e o real escrito deduzido e ficcionado, entre as suas verdades de vida. Verdades de vida de um homem da transição do mundo do Antigo Regime, que tanto o atrai e que tanto critica quando dele é excluído, e o mundo novo da Revolução Francesa, que viveu, que o beneficiou e que tanto lhe aparece limitado e limitador da sua progressão social, na base económica capitalista e de individualismo liberal que advogava.

O percurso de vida de William Beckford resulta de uma constante mobilidade nascida de condicionantes muito díspares e com origens diversificadas, por vezes divergentes. Tónicas pessoais e de atitude e sentimento pessoal, mas muitas de coloração familiar e com mutações nesse colorido, resultantes de obrigações de exterioridade social ou de imposição sócio-política de representação, tornam aquele percurso numa constante mutabilidade espacial, que tem consequências na sua ligação ao espaço habitado ou a habitar. Esta atitude de fundo vai passar por todo o campo do habitável, do doméstico e do confortável doméstico. Viver em viagem é, na realidade, viajar e registar a viagem, para si como apontamento de viagem, para os outros-leitores, será a marca que melhor o caracteriza e descreve.

Quais os traços desta sensibilidade, desta biografia íntima, desta atitude ativa de observador do real que ficaram dispersos? Como

captá-los? O que significam eles? Onde nos conduz a sua compreensão? Como olhou os que o rodeavam, os que não o rodeavam e aqueles que ele gostaria que rodeassem? Como descreve e se aproxima daqueles que não quer seus iguais? E os espaços e objetos? Quais são os que o preocupam e interessam? Quais os que gosta de referir e reter? Um inquérito de diferença, nos sentimentos, nos protocolos sociais, nas vivências quotidianas, nas festas e espetáculos, nas aproximações às diferentes paisagens domésticas ou de que se aproxima?

Estamos perante um homem de vivências e de cultura, inglês, que estancia em Portugal, nos finais do século XVIII. Não é tanto o *topos*, Inglaterra, que provoca e motiva grandes alterações ao olhar, simplesmente porque torna Beckford um estrangeiro em Portugal. O próprio Beckford sabe-o e regista-o colocando-o em expressão oral de alguém, «Oh, meu caro, meu excelentíssimo estrangeiro! (o meu nome no momento escapara-lhe totalmente)» (R7ºd9Jun35).

O viajante estrangeiro é sempre alguém exterior ao espaço e às gentes que o rodeiam. Daí nasce o interesse atento que os historiadores concedem a esses observadores distanciados de realidades bem diferentes daquelas que estão habituados a viver. Beckford não foge a esta regra. Ele observa Portugal do exterior e fá-lo à sua maneira: com um forte acento crítico e uma ironia que chega ao sarcasmo.

Um olhar exterior e crítico olha para gostos e hábitos que lhe aparecem como diferentes dos seus e sem qualquer justificação racional. Assim se distancia de certos sabores gastronómicos, ou de modas como a de vestir saias às mesas e cómodas (EI30Maio34). Sente-se da falta de qualidade artística de certos aspetos do mundo do espetáculo, a falta de bailarinas e atrizes femininas e o mau uso das técnicas de canto. Está longe dos longos e fastidiosos sermões ou das festas de cariz popular em que nobres e plebeus confraternizam (EIX29Jun34).

A sua posição de crítico irónico é aquela que melhor define a sua atitude de observador e aquela que constitui a linguagem estruturante dos seus processos de captação do real. Algumas vezes esta ironia atinge o sarcasmo, é cáustica e severa. Quando assim acontece afloram nos textos frases incisivas e argutas de um sugestivo colorido que é muito seu, muito autoral. Só que observar não lhe chegou. Beckford desembarcou em Portugal, voltou a Portugal, e aí viveu em plena sociedade de Corte, sem nela participar. Como decorreu essa sua vida? Que caminho seguiu este jovem e rico inglês que escreve tão

rapidamente ter sido aceite num dos núcleos possíveis de sociabilidade de Corte e de poder?

Na sociedade do final do Antigo Regime, em que os ritmos de permanência ancestral se tentavam reconstruir depois do abalo pombalino e face às novas ideias que a Europa ia transpirando, Beckford foi um elemento novo e significativo. Repare-se que este filho da burguesia parlamentar inglesa, rico e polidamente civilizado se enquadrou em Portugal, na Corte de Lisboa-Sintra-Queluz, nas sociabilidades de uma grande família patrimonial e participante do poder por ligação direta ao Rei, afinal os Marialva eram, eles próprios, membros dessa grande Casa que era a Casa Real. «No regresso a casa, a cavalo, caçado pelas mais tristes ideias e tive o pressentimento de que, se deixasse os Marialva, nunca mais os tornaria a ver.» (D31Out87).

Uma paisagem com os sentidos, afetos e edificados

De todas estas curtas, mas riquíssimas, linhas biográficas, de viajante e de estrangeiro, resulta a possibilidade de construção da operacionalidade da proposta encerrada no tópico (conceito?) paisagem doméstica, que gostaríamos de utilizar e testar neste estudo de caso em que William Beckford se pode tornar. A extensão do conceito de paisagem, nas suas vertentes naturais e humanas, de convergência de poderes, sociabilidades e figurações, torna-o muito apetecível ao historiador. Recoloca-nos perante as configurações sociais, reescreve-se com os impactos da novidade social das prosopografias e acentua as realidades do natural e das intervenções das pessoas nesse natural. Ou seja, paisagem permite aproximar as pessoas nas suas relações e individualidades, mas deixa-as disponíveis para aceitarem entre elas objetos, artefactos de quotidiano ou de protocolos de sociabilidade.

Estas considerações podem permitir sondagens como as deste curto estudo, enquanto vamos experimentando e testando a sua plasticidade metodológica, analítica e discursiva.

A paisagem doméstica registada por William Beckford tem uma evidência espacial muito clara e, quase, recorrente. Tudo começa no espaço público, nas ruas, nas praças, nos pátios dos palácios e, sempre, na realidade natural. O passeio no vale de Alcântara, ou no vale de Colares, ou até à Batalha, ou pela natureza afeiçoada dos jardins botânicos, ou

outros, são os momentos de aproximação ao conforto do doméstico, do espaço em que os sentidos, os objetos e as afetividades constroem paisagem. Ora, como se pode deduzir, este início exterior, já ele próprio rico de movimento, é ainda um percurso que conduz ao interior do espaço privado, a paisagem doméstica. A implicação de itinerário está presente na constituição desta paisagem. O itinerário é um percurso de caminhos, veredas e ribeiras, que condizia a um lugar que podia ser acedido por outras direções, como acontecia no final do Antigo Regime, ao contrário de um percurso uniformemente fixado por uma estrada. O viajante continua presente.

Trinta e dois anos depois do grande terramoto Lisboa recompunha-se ainda, em ritmo lento e preguiçoso, desse abalo de um dia. Os escombros, as barracas de emergência, que se mantinham, e as recordações, coexistiam lado a lado, dando à cidade um aspeto desequilibrado e desordenado. Por esta desordem e desorganização, junto com a topografia e alguns hábitos urbanos, Lisboa não agradou muito a Beckford. Queixa-se do seu emaranhado de ruas, das subidas e descidas, assim como da sujidade e mau estado dos pavimentos, compreende mal a fisionomia da cidade sente-se asfixiar pelo calor e parece não conseguir detetar o eixo condutor dessa cidade (EX30Jun34).

Em oposição de paisagem, mas em paralelismo de excessos de qualidade real, e algo edfílica ou pitoresca, estão os conventos de Alcobaça e da Batalha, as igrejas dos Mártires, do Cabo ou da Pena, o complexo palácio-convento de Mafra, as dimensões do Aqueduto, e os jardins Botânico ou da Ajuda.

Constantemente a procura consiste em incorporar-se no agreste, no natural. O espaço em que ser civilizado significava ser como se era, em que ele podia iniciaticamente transformar-se, transformando o que via e sentia. Daí o peso do passeio solitário na sua vida diária.

Lisboa é uma cidade quente. Sintra e Colares são localidades amenas e sombrias. Em Alcobaça o calor é excessivo. O Sol, é uma fonte constante de calor intenso e asfixiante, mas de muita luz. Os espaços do princípio e do fim de dia são associados à fresquidão ou à brisa do mar.

Em continuidade, os espaços habitados e os habitáveis, são para William Beckford casas de bem-estar doméstico, com conforto. Sente-se muito bem, nas suas obras manuscritas e, depois, impressas, a afirmação do privado doméstico, são muitas as referências a estar sozinho, «estava furiosamente quente e eu desperdicei toda a manhã

no meu pavilhão.» (EXVIII29Ag34). A afirmativa da sociabilidade de cotidiano doméstico, de paisagem doméstica que, por estes anos, também perpassa nas escritas poéticas do homem de leis e pequeno proprietário, por casamento, Correia Garção (1724-1773), do cabeleiro da moda Reis Quita (1728-1770), ou do professor régio e frequentador de cafés Nicolau Tolentino (1740-1811). O espaço privado merece narração e criação poética (Coquery 1991: 217-220).

Das fachadas observadas, aos jardins que se vêem e se cheiram, aos salões de mobiliário nascente ou afirmativo que se tocam e se usam, passando pelos sons das sociabilidades, muitas vezes envolvidas de música, passa uma suavidade de olfato culinário e doceiro que pode atingir a degustação apresentada em baixelas, suportes apropriados de distinção social. Os espaços de habitar são reino dos sentidos, com formas arquitectónicas ou têxteis, com melhores ou piores alfaias de sociabilidade que possibilitam e disponibilizam as ergonomias desses convívios (Muchembled 1987).

As povoações dos itinerários

Sem querer alargar em excesso, e não comprometer o essencial a abordar, é bom referir como a extensão territorial, quer dizer, o itinerário, cuja proximidade está no passeio na envolvente da morada ou no jardim, tem uma permanência de observação e escrita ao longo dos diferentes textos de Beckford. Aliás, estes itinerários, consolidam um conjunto de referentes que vêm participar e dar consistência à paisagem doméstica.

Os itinerários resultam de viagens. Em itinerário Beckford vai observando e notando os seus modelos inspiradores ou desinteressantes. Os referentes observados, são edificados, na sua multiplicidade exterior de tipologias: casebres, casas, palácios, conventos e igrejas. Ao passear e percorrer itinerários mais ou menos longínquos, resulta visitar ou pernoitar e poder transformar os edificados observados no exterior em análise e apreciação de paisagens domésticas de outros, por vezes, com nome e descrição social.

Os itinerários de William Beckford podem classificar-se em três direções e resultam, normalmente, em três atitudes de recolha de informação enquanto componente da paisagem doméstica que aqui nos importa.

O primeiro itinerário é o das suas grandes viagens, França, Itália, Portugal e Espanha. Para Portugal consideramos aqui os itinerários Lisboa-Elvas, a entrada e saída do reino (Aldeia Galega, Almada, Arraiolos, Cercal, Elvas, Estremoz, Montemor-o-Novo, Palmela, Pegões, Venda do Duque). Acontecidas por razões muito diferentes as viagens que se baseiam nestes itinerários permitem reconhecer espaços e edificados não ingleses, neles recolhe grandes referências que tomará por modelos, se se quiser, modelos a atingir em alguma vertente estética ou de ostentação social.

Em segundo lugar, colocamos os itinerários de passeio, num círculo próximo da morada, do espaço doméstico (Freixa 1993: 87-89). São passeios ou a pé, ou quase sempre a cavalo, sozinho e num ritmo lento. Em Inglaterra, Beckford fez passeios destes até morrer. Em Portugal, foram os muitos, quase diários, passeios ao redor ou de Lisboa, ou de Sintra (Belas, Benfica, Cascais, Caxias, Colares, Lumiar, Mafra, Marvila, Paço de Arcos, Rio de Mouro, São José de Ribamar, Sintra, Vale de Alcântara). São estes itinerários os que mais documentados estão nos seus textos, de apontamento e impressos, onde ocupam muitas páginas, quase todas as que se referem aos locais passeados. Aos leitores estas páginas parecem ser a razão de fundo da sua escrita. Esta intensidade de observação e escrita valeram uma listagem enorme de referências. O conhecimento frequente destes espaços permite fixação de proprietários, referência a algumas decorações exteriores.

Por fim, refira-se um caso muito especial. O itinerário a Alcobaça e a tão discutida ida até à Batalha (Caldas, Carregado, Loures, Nazaré, Óbidos, Pederneira, Peniche). O itinerário é muito importante. Porque faz descrições do itinerário do Oeste, de estrutura setecentista joanina, a Estrada Real. Depois, porque Beckford, já perito experimentado na escrita de viagem, deixa aqui das melhores páginas que escreveu desse género narrativo e de divulgação. E por este itinerário o ter conduzido, ou não, no caso da Batalha, ao encontro de dois dos seus modelos de arte e decoração gótica que o motivarão para as construções de pitoresco neogótico com que marcará o espaço inglês (Miguélez 2024).

O interessante das incertezas quanto à ida física à Batalha, percebe-se sempre melhor se se entender que Beckford foi lá na sua estrutura de viajante e de construtor de observação, ainda que indiretamente e com bases livrescas. O mesmo aconteceu com alguns designativos regionais (Alentejo, Algarvios, Minho, Outra Banda, Trás-os-Montes) e com a

referência a localidades por onde não passou (Coimbra, Porto, Salvaterra, Santarém, Vila Franca). No caso da Batalha, o seu gosto e admiração pelo gótico foi o que o conduziu. No seu relato centrado apenas neste itinerário, das tarefas agrícolas, e não dos jardins, à vida no interior do mosteiro de Alcobaça, às referências corográficas das localidades, compreende-se muito bem o amadurecimento do observador.

Um registo de colecionador?

O Portugal de Lisboa a Sintra e seus arredores, atravessado a Sul para a fronteira e na linha Oeste, rente ao mar, está pontuado de observação de palácios, edifícios de uso público, mosteiros, conventos e igrejas e é onde a paisagem se estreita a caminho dos confortos de bem estar social e de solidão como William Beckford os entende.

Há perguntas que se impõem perante estas amostragens. Como funcionam estas enumerações agora listadas? Registos de passagem? Exercício de pontualizações no território? Simples acumular de referências de um viajante que se quer lido como muito viajado? Seria possível aceitar todas elas. Muitos palácios, edifícios de uso público, mosteiros, conventos e igrejas são, tão só, denominações de locais. Locais que poucos comentários merecem e quase nunca justificam uma paragem, um voltar atrás, um retornar, para tentar entrar, para tentar perceber os interiores. Mas há escolhas, e havendo escolhas as perguntas merecem afinação...

Porque registou Beckford estes edificadros? Nos seus itinerários passou por alguns outros que não marcou! Afinal queria só pontuar? Ou não queria antes notar interesses seus? Assim parece, estas realidades individuais só são compreensíveis como coleção, como escolha de colecionador (William Beckford 2001: 33-48, 155-175). Individualiza-a uma escolha de edificadros, futuros ou inspiradores modelos, mas há sempre uma intenção.

Três frases de pormenor, deixadas cair por Beckford no universo da escrita, permitem uma aproximação a esta atitude. Logo na sua primeira estadia, em 1787, como que situando-se, registou, um «convento, aqui nas vizinhanças do sítio onde moro» (D30Jun87). O espaço privado a transbordar para o público. Com esta atitude, mas em descoberta de Lisboa, escreveu, «quando eu subia os degraus da nova igreja edificada no

local onde nasceu Santo António, rompia o Sol em todo o seu resplendor» (D13Jun87). Uma nova igreja, uma remissão para o passado, a luz natural do Sol. Mais tarde, deixa impresso, em 1835, sobre uma notação de 1794, «desejo conhecer mais minuciosamente o mausoléu inacabado de D. Manuel, de que ouvi falar e sobre o qual tanto li» e, ainda nesse dia e local, elogia a «suprema excelência dos recortes e torcidos de D. Manuel» (R8ºd10Jun35). Conhecer, de novo o passado, a valoração do observado, e a referência nas leituras.

Não existe aqui um mesmo olhar? E o olhar não permite entender que se está perante os critérios pessoais de um colecionador? Será que com estes e outros pequenos pormenores, analisando caso a caso os registos, não se conseguia ir mais longe na compreensão desta paisagem de aproximação? Investigações futuras poderão dar algumas respostas.

As paisagens domésticas em inquérito

Nos seus itinerários de passeio e viagem, William Beckford registou casas olhadas e casas que foram visitadas, sempre com a preocupação da proximidade à dimensão social e gosto de grupo dos seus proprietários (Muchembled 1987: 89-90).

Igrejas, mosteiros e conventos nos seus patronos e encomendadores, casas e palácios nos seus proprietários, são configurações do real social, ou do real social em ascensão. Como perceber essa realidade como uma paisagem doméstica? Como entrelaçar documentalmente a dimensão social, e as de sociabilidade, com os espaços edificados habitados? Algumas possibilidades existem e podem ser utilizadas.

Entrar no espaço por descrição literária, diarística, iconográfica, recorrer às testamentárias, reler tombos de propriedade e livros de décimas, estar atento a pinturas de quotidiano como os ex-votos ou aos enquadramentos cenográficos da pintura de cavalete... outras haverá. No caso em estudo partimos das narrativas manuscritas e impressas de um viajante. Mas temos de orientar o nosso inquérito de pesquisa.

A partir daqui preocupam-nos os casos observados, as paredes, as janelas, as escadarias e os corredores, cozinhas, salas e salões, mobília e pormenores de decoração, de afeiçoamento dos espaços.

Como foi referido a propósito do catálogo da exposição *William Beckford, 1760-1844: an eye for the Magnificent* (2001) o trabalho de

identificação e localização documental e museológico dos objetos de cultura material referidos em Portugal por William Beckford está por realizar. O que aqui se apresenta não passa de uma sondagem dessa realidade material através das denominações registadas em contexto escrito. Ainda assim, valerá pelas chamadas de atenção para este universo inexplorado.

Importa, nessa linha, justificar a metodologia de acesso analítico que aqui se utilizou. Sempre que foi possível, para cada parte dos componentes de descrição da paisagem doméstica tentou isolar-se uma pequena passagem textual de William Beckford que permite, não exemplificar, mas perceber a perspetiva de observação adotada e quais as preocupações assumidas de proximidade, comparação ou crítica, quando não de repúdio. Ao mesmo tempo, denotaram-se, sempre que clarificador, designativos de objeto(s), numa enumeração simples e, na totalidade, remetendo para um exercício anterior de levantamento já realizado (Gouveia 2004: 467-481, 487-499).

Itinerários de aproximação

A aproximação ao centro da paisagem doméstica, como que em itinerário, não fosse William Beckford um viajante, acontece em três manchas distintas e convergentes: a da natureza, a dos jardins e a das quintas.

Atravessando a «natureza», um coletivo de espécies num espaço de «campo» que se distingue pelos verdes sombrios, pela multiplicidade que aqui, como nos restantes levantamentos realizados, é um coletivo pessoal que William Beckford sabe nomear e, por isso identificar (árvores, arvoredos, bosque, florestas, floresta caduca, floresta rude, matagal, matagais selvagens, matas, matas floridas, matas rasteiras, mata com árvores para madeira, moitas selvagens).

Domina esse itinerário de aproximação, designa, nomeia, quer dizer, tem dele um domínio de convívio, certo que envolvendo conhecimento, mas também domesticidade. Aqui, as paisagens da natureza são domésticas, em cada espécie e nas suas variações adjetivadas (aloés, aloés do Brasil, aloés bravo, aloés rasteiro, loureiros, loureiros bravos, loureiros de Portugal, loureiros espontâneos, pinhal, pinheiros, pinheiros-bravos, pinheiros italianos, pinheiros odoríferos).

Um pormenor de individualização desta domesticidade. A natureza, dos muitos verdes e espécies botânicas, é habitada. Insetos, aves, muitas aves, e alguns mamíferos cruzam este itinerário (abelhas, aves, codornizes, coelhos, colmeias, lebres, perdizes, tordos).

Por definição o jardim é, por excelência, um sistema aperfeiçoado de recriação da natureza, um jeito, dependente de gostos e modas estéticas, de domesticar o natural (canteiros, caramanchéis, copas redondas, gavinhas, relvados, sebes, trepadeiras, vasos de flores).

Não admira que circunde as habitações. Não admira que, ainda nestes séculos e em lógica agrícola medieval, se confunda com as hortas. Beckford designa indistintamente jardim e horta, usando o vocábulo «garden». Admira, ainda muito menos, que se queira transportável, em vasos, em jarras e, em razão disso, não são os verdes, mas os verdes floridos, as flores, que o sintetizam (flores amarelas e vermelhas, azuis, brancas, rosadas, vermelhas, flores dobradas, flores em botão, flores exóticas, flores nativas, flores recém-nascidas, flores silvestres, flores viçosas e agrestes).

Esta perceção da relação com a natureza é bem cara em três apreciações. Por um lado, o gosto pela organicidade sistemática dos jardins botânicos; um jardim em ordem. Por outro, o gosto pelo seu jardim em Monserrate; um jardim na ordem do gosto pessoal, próximo e doméstico. Por fim, o elogio da intromissão da natureza no espaço artificial do jardim no velho palácio dos Marialva, em Marvila; um jardim-natureza, a fusão explosiva do sentimento romântico!

Mas, nos dois últimos modelos, ao passear no jardim circundante dos espaços habitados Beckford começa, desde logo, a construir paisagem doméstica. Mantém a atitude de enumeração anterior, mas agora introduz ao lado das espécies as cores das flores e as denominações autóctones, como sempre, na procura do exótico, do peculiar (anémonas, arbustos em flor, árvores do Jardim Botânico, árvores indianas, bambu, heliotrópios [girassol], jasmim-do-Cabo, palmeira, pimenteiras, plantas do Cabo, plantas exóticas, rosas da China).

Com cuidado, e olhando as designações botânicas referidas, percebe-se bem quando o espaço da horta se liga ou afasta do jardim. No caso da observação por Beckford o seu realce vai sempre para a marca deixada pelas laranjeiras e limoeiros, as duas espécies que mais regista nos textos. Quando existe, e existem muitas vezes, são elas as propiciadoras da mudança. São árvores de jardim, pelos verdes, pelo perfume quando

em floração e pela cor dos frutos. Este olhar inscreve-se numa mítica nórdica de uma cultura de jardim de inspiração mediterrâneo-árabe. Mas os produtos hortícolas que se esperam do espaço não deixam enganar.

As quintas são para Beckford itinerários de aproximação por entre pequenas micropaisagens domésticas que lhe agradam muito.

Na escrita, muitas delas são apenas referidas com a palavra portuguesa, que o inglês não traduz ou para a qual não procura equivalentes. A «quinta» é um espaço misto de natureza e de jardim, que termina num edificado, normalmente designado «villa». Por isso, para aí entrar, Beckford sai de caminhos desenhados na natureza, muitas das quintas estão em zonas periurbanas, e atravessa uma «alameda», um jardim de receção, um jardim itinerário.

Referidas como «quinta», sem possibilidade de identificação, maioritariamente nas zonas de Sintra e Mafra, aparecem dezoito, a que se devem juntar aquelas que têm denominação: a dos Alfinetes, a de Mr. de Visme, a de Penha Verde, a da Porta, a do Ramalhão, a de São José, a de São Pedro, a do Vinagre, a do visconde de Ponte de Lima.

De todas estas, merece duas notas a quinta da Porta ou do José Dias. Merece referência pela construção da figura do proprietário, sendo mesmo um dos casos exemplares de confusão da observação da realidade com as tónicas adquiridas em leitura. O sr. José Dias (Pereira Chaves) é extremamente interessante na narração de Beckford. Por um lado, ele é o protótipo do homem bom, membro de um sistema patriarcal e idílico, realizando-se uma transposição de ideias para esta figura que tem um importante significado cultural (Chartier 1988: 158). Mas, ao mesmo tempo, Beckford aplica ao homem que representa todo esse idílio a história de vida de alguém bem real e poderoso na zona de Colares, o pai, Bento Dias Pereira Chaves, oficial do rei, cavaleiro da Ordem de Cristo, construtor e renovador da quinta da Porta assim como instituidor do morgado. A confusão (?) e simplificação do nome não deixa de ser interessante e mereceria ter mais exploração. Porquê todo este jogo de colagens entre o real, o verosímil e o imaginado? Entre os tempos de escrita e de publicação... Beckford fez muito mais jogos como este. Aqui serviu-lhe para exaltar a importância e o agrado pela «quinta».

Segunda pequena nota, que, pela mão de Beckford, pode servir de conclusão sobre estes itinerários de aproximação. O natural e o jardim confundem-se, são o que nos parece possível dizer como um itinerário de aproximação a uma paisagem doméstica. Lê-se em William Beckford:

Um servidor do falecido Rei [D. José], que tem uma grande propriedade nos arredores, convidou-nos a entrar no seu jardim com muitas vênias e adulações. Julguei entrar nos pomares de Alcínoo. Os ramos caem, literalmente, sob o peso dos frutos e o mais pequeno abalo faz que o chão fique coberto de ameixas, laranjas e damascos. Esta quinta vangloria-se de uma grande cascata artificial, com tritões e golfinhos a vomitarem torrentes de água, mas eu não lhe prestei metade da atenção que o proprietário esperava e, retirando-me para a sombra das árvores de fruto, banquettei-me com as douradas maçãs e as ameixas púrpuras que rolavam em profusão sobre mim (D9Jul87).

As moradas de Beckford em Lisboa e arredores

Nos itinerários de passeio e de viagem Beckford deparou, e por vezes entrou, em casas e palácios, mesmo em casas pobres onde funcionavam estalagens, que bem lhe desagradam (EXXIX29Nov34). Alguns casos há em que foi visita assídua dos proprietários aí fazendo refeições ou passando tardes de descanso e conversa.

Os palácios e jardins do Marquês de Marialva, em Belém, em Marvila ou na quinta de São Pedro, em Sintra. A quinta de Thomas Horne em Sintra, «muito invejei eu a Horne a sua varanda, tão agasalhada no meio das colinas cobertas de árvores» (D13Ag87). A casa de monsenhor Octaviano nos Cardais. A enorme casa apalaçada do comerciante Quintela. O palácio, na Junqueira, do filho do 3º Marquês de Angeja. A casa de Colares do negociante francês M. Laroche. A habitação às Janelas Verdes de Mr. Daniel Gildemeester. Os palácios de Palhavã, do Marquês do Lourçal, do Grilo, do Duque de Lafões, e de Santa Clara, do Marquês do Lavradio. A hospedaria de Pegões e a pousada de Sintra (Hotel Lawrence?). São exemplos observados, e participados, de paisagens domésticas de alguns outros.

Mas, entrar no amago da paisagem doméstica desenhada e vivida por William Beckford, deve acontecer dando campo às suas próprias casas. Não é grande novidade. A construção de casas e jardins para sua habitação foi uma preocupação constante.

Em 1793, com a ajuda, do arquitecto James Wyatt (1746-1813) inicia a construção da sua «abadia» de Fonthill House (*William Beckford* 2001: 51-31). Podemos ler, «Foxhall manda-me dizer que em Fonthill pinturas

e mobiliário tudo está em atividade, que Bacon e Banks estão a fazer os fogões e que Loutherboung acabou duas importantes vistas de Gales para serem colocadas no salão.» (D6Jul87). A grande casa neogótica com um largo espaço envolvente murado e inacessível ao observador, que se abre apenas para William Beckford receber grandes visitantes, principescamente, é o espaço da afirmação quer da revolta, quer dos direitos sociais a que defendia dever ter acesso.

Mais tarde, a partir de 1822, vai viver para a cosmopolita Bath e aí, de novo, afirmará a sua situação de isolamento ao construir Lansdown Tower (1827), desenhada por Henry Goodridge (1797-1864) (*William Beckford* 2001: 279-295). À sua volta, por gosto e vontade de Beckford, permanecerá um enorme parque, numa fusão de um jardim com flores e da paisagem natural, como que um jardim réplica da natureza.

A passagem de Beckford por Portugal ficou marcada com a ocupação de espaços de habitação que tiveram uma longevidade de dimensão social, de mítica elitista e de afirmação social, que ainda hoje permanecem (*William Beckford* 2001: 89-97).

Ao chegar a Lisboa vai morar para a Cova da Moura, perto das Necessidades, numa casa de madeira pós-terramoto, localizada e, talvez, arrendada pelo seu agente de negócios em Lisboa, Thomas Horne. Nesta casa, como em muitas outras barracas deste momento, em madeiras da América inglesa, a preocupação foi alojar as pessoas e, não tanto, conceder-lhes conforto e, muito menos, capacidade de ostentação.

Como muitos lisboetas mais endinheirados ou desejosos de luxo, Beckford encaminhou-se para as regiões de Sintra, Colares e São Pedro de Penaferrim. Foi aí que o advogado luso-irlandês José Street Arriaga Brum da Silveira lhe emprestou, ou arrendou, o grande palácio do Ramalhão. As grandes varandas terraço e o horizonte avistado de floresta e com o mar em fundo encantaram-no, apesar das brisas frias e da falta de lareiras de aquecimento. Primeiro esforço? Mobilizar. Conseguir mobília adequada ao espaço e às vivências que ele queria que acontecessem. A sua descrição é inesquecível no pormenor do que era o seu bom gosto: «O Ramalhão começa a parecer mobilado. Os meus aposentos estão bem forrados de papel e cobertos de esteiras. As camas e sofás têm colchas do mais belo chintz e quase todas as mesas têm uma caixa, ou escritório, do Japão.» (D16Ag87).

Na segunda visita a Lisboa, em 1793-1795, vai instalar-se em São José de Ribamar (Algés) enquanto acontecem obras de construção daquilo

que era a barraca da Cova da Moura. Pela sua mão deixou desenhado um plano para esta nova casa (Catalogue 1987: 24). Muito interessante. Olhando o traçado, com muitas semelhanças com Fonthill, sobressai a multiplicação dos alojamentos (quartos), num mesmo eixo retilíneo e longo, muito aberto. De uma das extremidades desta ala pode olhar-se toda a casa assim perfilada. Haveria que passar por uma grande sala para o dia a dia e caminhar para um espaço ortogonal, central, que permitia o acesso a um salão de exotismo asiático. Nada de quartos interiores que tanto o afligem em muitas das casas onde entrou, e a aposta no corredor como estruturante do espaço a habitar.

De assinalar, a finalização num oratório, talvez dando visibilidade aos boatos sobre a aproximação de Beckford ao catolicismo, mais especificamente, a Santo António de Pádua! Na véspera da festa do santo, regista: «a minha reputação de devoto alastra prodigiosamente e dificilmente passa um dia sem que receba algum presente de natureza sagrada ou de exortação edificante.» (D12Jun87).

Foi, em Sintra, num fascínio pela natureza e pelo pitoresco romântico, que se lhe impôs a sua última morada. A partir de 1794 vive no palacete de Monserrate, recém recuperado do terramoto pelo inglês Mr. de Visme. Beckford intervirá nesta recuperação com obras de restauro no edificado e no arranjo estético e plantios no jardim, sempre no sentido das suas últimas leituras e das tendências apontadas por Horace Walpole, já em 1771, no seu livro sobre o gosto moderno nos jardins. Voltará a Monserrate em 1798-1799 e, ao partir, deixa ao abandono o palacete pois o contrato de arrendamento durava até 1807. O abandono só terminará em 1863.

O passar dos dias de Beckford foi um caminhar por observações de casas, às decorações dos interiores e mobílias, numa sequência de conversas, refeições, músicas e gostos gastronómicos. É nestas casas e intervenções que constatamos traços da paisagem doméstica de Beckford.

Paredes, decoração e mobiliário

João Ferreira morava no Poço dos Negros, a Santos, e era o detentor do lucrativo contrato-monopólio dos couros do exército português. Para Beckford a morada faz dele um habitante do Bairro Alto. O seu importantíssimo negócio torna-o um «modesto retalhista de couros» e um «pobre sapateiro»! Razões para esses epítetos denegridores? O

gosto. O mau gosto de João Ferreira. Poucos textos são tão explícitos e demolidores como este de William Beckford:

Voltando ao Bairro Alto, visitámos uma casa acabada de construir com enormes despesas para o seu proprietário, João Ferreira, um modesto retalhista de couros, que, graças à protecção do Arcebispo, conseguiu obter os mais lucrativos contratos que existem em Portugal. Aposentos mais pavorosos do que aqueles que o pobre sapateiro mandou fazer para sua habitação, nunca tinha visto. As cortinas são de cetim azul-ferrete e do mais vistoso e sulfúrico amarelo. Todos os tetos são decorados com pinturas alegóricas de execução indiferente, sobrecarregadas de ornamentos (...). Tanto o Marquês como eu rapidamente nos enfasiámos desta espantosa exibição de falso gosto e de falsa magnificência e, como se estava a fazer tarde, pusemo-nos a caminho de Belém (EXXVI9Nov34).

Muito claro como, por oposição, Beckford se posiciona perante os edificadros e os seus interiores. As informações são pouco habituais, mesmo entre os viajantes, quase todos mais preocupados com os exteriores monumentais e com as cozinhas e hábitos alimentares. De ressaltar a referência a «construir com enormes despesas», aos «aposentos», aos «cortinados», aos «ornamentos» e a conclusão afirmativa, «espantosa exibição de falso gosto e de falsa magnificência»! Um conjunto de informação e suas implicações que vão atravessar toda a sua obra.

As paredes aparecem forradas de azulejos, nos espaços de jardim e das igrejas, nas salas e salões de tafetás ou de chintz. As cores dão-lhes um toque de gosto que lhe agrada, ou não. As paredes têm uma face interior para lá deste primeiro paramento. São as cortinas, os reposteiros, que criam o espaço acolhedor e de conforto da paisagem doméstica. O damasco e o damasco indiano, em amarelo ou em vermelhos, quando não, por um gosto pavoroso, o «cetim azul-ferrete e do mais vistoso e sulfúrico amarelo», dão cor às salas como as flores aos jardins. Sempre o movimento e a cor do jardim, por isso Beckford podia escrever, «eu seria muito mais feliz ficando em casa, à sombra dos meus cortinados verdes transparentes» (EIX29Jun34).

Paredes que os têxteis forram ou justapõem, paredes disfarçadas. Na realidade, quem desenha espaços interiores para si, quem tem a noção de custos da construção, não tem sensibilidade para a estrutura

dos edificadados. Referem-se, mas não descrevem, algumas fachadas, as portas das entradas, os portões das quintas.

Dentro do edificado habitável as preocupações vão, sempre, para as janelas, as sacadas e as varandas. No interior a falta ou existência de corredores de ligação dos quartos de cama, o da cozinha com as salas, têm algumas referências. Na maioria narrativas e não consequentes.

Sem querer adiantar conclusões, fica muito claro, pela pessoa de vivência sentimental e estética que Beckford é, que a essência da paisagem doméstica é decorativa, podemos dizer, cenográfica. Esta dimensão leva-o a expor os sentidos na sua definição e, por isso, já o aludimos, implica no espaço a cor, os cheiros (flores e alimentos), a temperatura e o ouvir música. «Tive o prazer de me encontrar num bonito aposento bem mobilado e com carpetes de luxo, tendo o conforto de me instalar junto de um crepitante fogo.» (EXXIX30Nov34).

Com o mobiliário, numa designação alargada, juntamente com objetos muito escolhidos, a paisagem doméstica tem o seu afeiçoamento ao gosto.

A construção do espaço habitável de forma confortável e própria, numa afirmação da domesticidade, importou muito a Beckford, em primeiro lugar, pelas constantes mudanças, por aluguer, compra ou construção de edificado para morar.

Depois, porque essas mudanças de habitação lhe davam possibilidade de aplicação do seu gosto pelas peças de mobiliário, que tendia a colecionar e que lhe permitiam marcar o seu entorno (*William Beckford* 2001: 177-201). Esse gosto é acrescido pelo saber que vai adquirindo sobre as técnicas de cada peça como artefacto, seus suportes e expressão estética (Franco 2015: 114-130).

Este gosto e saber é acrescido pela conjuntura estética em que a sua vida decorre. Em termos de história das artes móveis e sua aplicabilidade útil, o século XVIII e o início do XIX é da maior riqueza no acréscimo das funções do mobiliário, nascendo novas formas e, especialmente, dinâmicas de moda e de decoração estética do espaço que lhe passam a ser atribuídas em paralelo aos usos.

A mobília torna-se um conjunto de objetos, conjunto que Beckford deixa bem inventariado e com algum detalhe dedutível das descrições em que se inscrevem.

Os bancos e banquetas permanecem; as cadeiras, podem ser poltronas, sofás ou distendidos divãs de descanso; as mesas, são algumas aperfeiçoadas como mesas de chá ou de jogo; os baús continuam a

permitir arrumação, com mais cómodas, que se afirmam ao ganhar altura vertical e gavetas com diferentes funções, e são decorativas quando tornadas artísticos contadores de gavetinhas individualizadas e destinadas a preciosidades, de riqueza ou intimidade pessoal; pensando nos crescentes usos dos faqueiros e objetos de mesa (pratos, terrinas, travessas e jarros), multiplicam-se os armários, também eles de afirmação vertical, conjugando cómoda com exibição na parte superior de objetos úteis e esteticamente decorativos. Nas paredes, forradas ou não com têxteis, multiplicam-se as prateleiras...

O facto de William Beckford registar a afirmação da dimensão estética, e por aí de gosto, no mobiliário, participando na atitude de decoração referida, é visível a cada passo da sua escrita sobre o interior doméstico. No seu itinerário de olhar, a sua constante constituição de paisagem, permite agrupar esses objetos decorativos em dois grandes corpos.

O primeiro é de registo de objetos com dimensão de valor. Valor de riqueza, económico, e de distinção social, de diferença, pouco habituais. São biombos, bastantes têxteis bordados e trabalhos em madeira; em prata referem-se braseiras, flores, campainhas e um faqueiro; algumas, poucas, pinturas e tapeçarias; muitas esteiras e tapetes; por fim, com algum destaque, gaiolas, espelhos e jarras com flores naturais.

O segundo grupo registado, tem muita evidência no pensar e sentir estético beckfordiano. Dele fazem parte as peças decorativas de dimensão exótica, com destaque para as asiáticas. Aqui, misturam-se caixas de relógio francesas, carpetes persas, garrafas de vidro da Boémia, lacas do Japão, louça da China, mesas e contadores em madeiras do Brasil, panos de Arras, perfumadores de filigrana de Goa, pinturas chinesas sobre vidro, porcelanas de Dresden e do Japão, tapetes de Arraiolos, turcos e persas.

A paisagem doméstica, implica todos os sentidos, o que se torna fácil de acontecer perante tantos materiais de suporte, facilmente tocados. Ao percorrer os registos há uma preocupação com esta notação, não sistemática, mas muito oportuna na caracterização do objeto pelo seu toque. A bandeja é de prata, as cadeiras são de verga, os reposteiros são de chintz e cetim, há lâmpadas de ouro, lanternas de papel, lustres de cristal, pavimento de mármore vermelho e branco e o veludo é lavrado. O cristal e o vidro, o damasco, o linho e as sedas, o ébano, o esmalte, as madeiras, os mosaicos e as porcelanas permitem, nas suas texturas aliadas às formas em que são utilizadas, uma formulação táctil da paisagem.

Falta falar das almofadas, pois elas são um objeto de referência na paisagem doméstica de Beckford. Nelas se concentra tudo o que se referiu sobre o mobiliário e seu peso decorativo e afirmativo. As almofadas, por vezes ditas coxins, são de veludo, de veludo vermelho. São móveis e permitem assento. Como? No chão. O encanto, que se tornou uma referência na historiografia de Beckford, resulta da utilidade de assento e do exótico de ser no chão. São peças femininas de estar, um estar de pernas cruzadas confortavelmente no chão, que Beckford quer que seja uma atitude permanente entre as mulheres da nobreza e da corte. Seria um hábito tão alargado quanto ele descreveu e inculcou...?

A pequena Infanta D. Carlota estava empoleirada num sofá e conversava com a Marquesa e com D. Henriqueta, as quais estavam, à moda oriental, sentadas no chão, de pernas cruzadas. Um grupo de Damas de Honor, comandadas pela Condessa de Lumiares, sentavam-se em idêntica postura a pouca distância (EXXIII22Set34).

Os aposentos: cozinhas, quartos, sala de refeições e salão

O território da paisagem doméstica é composto por aposentos; cozinha, quartos de dormir, salas de estar e de refeições, salões de sociabilidade convivial, banquetes e música. Cada uma delas tem o seu espaço cenografado por mobiliário, peças decorativas ou de utilidade específica.

A cozinha, não a gastronomia e a doçaria, mas como espaço de segunda linha, de garantia das sociabilidades, mais ou menos privadas ou familiares, das salas e salões, não interessou a Beckford. Refere-se-lhe, mas não a visita, parece tudo deixar a M. Simon. Refere fogões e, na linha da constante referência aos assados, a fornos. Nada mais (Franco 2015: 251-262).

Não sendo tão ausentes os quartos de cama, como lhes chama, têm uma ocupação muito orientada para o descanso e o conforto da noite. As camas estão sempre no centro, com os seus colchões e uma decoração de cobertas franjadas ou colchas de cetim. As cómodas são o móvel mais adequado ao quarto e há alguma novidade em referências a toucadores (Franco 2015: 220-233).

As salas para estar e fazer as refeições têm um tratamento mais alargado. Esse alargamento tem duas lógicas diferentes, a dos utensílios

em uso para o protocolo de estar à mesa e os próprios alimentos confeccionados.

Sobre toalhas de renda, dispõem-se travessas, tigelas, taças, jarros, garrafas, pratos, copos, colheres, facas e garfos. Designados desta forma genérica os utensílios podem ganhar adjetivações com base no seu material. Toda a baixela pode ser, ou não, de prata. Também de prata podem ser os jarros e as taças, sendo estas também possíveis em cristal. As garrafas são sempre de vidro. Distintos são três utensílios. As bacias de prata para lavabo, as salvas de prata para transporte dos alimentos da cozinha para a sala, e indispensáveis, as chávenas para o chá, a bebida de todos os dias, constantemente registada.

William Beckford não fugiu ao hábito dos viajantes, anteriores e seus contemporâneos, que no paladar culinário e doceiro sempre encontram razões de bem ou mal dizer e de identidade local. Beckford também cobriu a vertente do paladar nos seus textos.

As tónicas que mais marcou foram as de um determinado repúdio aos excessos alimentares portugueses, enormes quantidades ingeridas e um uso desregrado das gorduras animais (gordura de presunto, gordura nos leitões assados). Ao mesmo tempo elogiava a alimentação camponesa de pão, queijo e frutas.

Ao cozinheiro particular que com ele viajava, M. Simon, recomendaria, de acordo com os seus registos, o uso do alho e da cebola, juntando-lhes as ervas aromáticas, como o tomilho, e as especiarias, nelas destacando a pimenta e o açafraão.

São muito alargados os registos das carnes e dos peixes comestíveis, mas, mais ainda, dos legumes e, ainda muito mais, das frutas (alperces, ameixas, bolotas, cerejas, damascos, laranjas, limões, maçãs, marmelos, melões, morangos, nectarinas, peras, pêssegos, romãs, uvas).

Aqui, na sala ou no banquete no salão, importa referir a delicadeza com que descreve o tempo das refeições, como que um espaço de estar com sabor, momentos de gastronomia e de doçaria, «voltámos para casa e tomámos chá» (D3Nov87). Os excessos são exteriores à sua paisagem doméstica. Nela valoriza os odores alimentares das especiarias e das frutas, estas últimas em remissão direta para a natureza, como fez a propósito da fuga da visita ao sr. José Dias, que já se citou, quando, deliciado, escreve «banqueteei-me com as douradas maçãs e as ameixas púrpuras.» (D9Jul87).

Passar desta sala, mais restrita, para o salão, é assistir a um refinar público do conforto, é aceder a uma paisagem doméstica aberta aos

outros que, aí incluídos, se sintam a viver elos de familiaridade, de respeito e de admiração pelo anfitrião.

Tive o prazer de me encontrar num bonito aposento bem mobilado e com carpetes de luxo, tendo o conforto de me instalar junto de um crepitante fogo (EXXIX30Nov34).

No meu salão asiático prevalece uma agradável variedade. Das cortinas, metade não deixa passar a luz e exhibe abundantes pregas, a outra metade, é transparente e projeta uma luz suave sobre a esteira e os sofás. Grandes e nítidos espelhos multiplicam esta profusão de tecidos (EXVIII29Ag34).

Além das lareiras e das braseiras de prata, fundamentais para as temperaturas mais frias, que Beckford conheceu em Portugal, a sua maior preocupação de melhoria para o aposento da sala é a da iluminação, a luz artificial. Os círios são reforçados com dispositivos de propagação e dispersão da luz. São apontados candelabros, candelabros de parede, castiçais e castiçais de braços, assim como lustres de cristal e «um magnífico lustre com cinquenta braços.» (D9Jul87). Para a extensão para as varandas usam-se lanternas de papel.

O salão, aposento de receção e representação, não ficaria completo, para William Beckford, se a música não criasse uma ambiência por entre o conforto das transparências.

A música traz ao salão outros móveis, os instrumentos. Os violinos, o cravo, a espineta, a harpa, o piano, o pianoforte, o berimbau, são os protagonistas. Eles permitem ouvir e deixar cantar. Permitem mais, em dias de festa, que se dance o cotilhão, os minuets e as seguidilhas.

Aposentos, mobiliário, decoração, conforto estético, pessoal e de receção. Sempre com representação de cor, fantasias muito próximas de chinoiseries, e a natureza em participação, quando não invasão da paisagem doméstica. E assim voltava Beckford ao exterior, para continuar o movimento dos seus itinerários de viagem e passeio.

Estava furiosamente quente e eu desperdicei toda a manhã no meu pavilhão, cercado de *fidalgos* em floridos roupões e de músicos em trajos cor de violeta e grandes chapéus de palha, semelhantes a bonzos ou talapões, parecendo queimados do Sol, ociosos e indiferentes como os habitantes de Ormuz ou de Bengala. Os meus companheiros, tanto como o meu aposento, apresentavam uma inegável aparência oriental: o divã,

que se elevava poucas polegadas acima do chão, a grade dourada de ripas cruzadas das janelas e os transparentes jorros de água que nascem de um tanque imediatamente abaixo deles, alimentado continuamente por nascentes da rocha local (EXVIII29Ag34).

Linhas finais

William Beckford o Inglês, o viajante inglês, o rico viajante inglês.

William Beckford, senhor de um elevado sentido crítico, senhor de um sentido estético educado e apurado.

Ele é o Inglês, que tem carruagens diferentes, que é devoto de Santo António, em quem se sente a necessidade de condenar a política de Inglaterra para com Portugal ou que faz um esforço de apreciação, ainda que cheio de erros, da vida acadêmica inglesa, da situação dos bispos anglicanos ou do clima da Britânia e sua relação com as aves. Um homem de opinião.

Um Portugal de finais setecentistas, um Portugal que é Lisboa, Sintra e arredores.

Um Portugal de permanências sociais e de gostos.

Neste artigo tentou-se encontrar tónicas destes tópicos na paisagem doméstica, designação que se questionou e colocou em exercício, fazendo uso do caso de observação e escrita de William Beckford.

O trabalho é, ainda, muito laboratorial, em muitas passagens fica no levantamento analítico. O inquérito necessita ser enriquecido, os documentos autobiográficos de Beckford têm de ser cruzados com outras bases escritas e materiais.

Apenas se conseguiu uma aproximação ao tema.

Do exterior, dos passeios e itinerários pela natureza e por entre edificadros, atravessando alamedas de jardins de espanto, mostrou-se como Beckford entrou dentro dos edificadros. Como entrou numa cenografia de conforto, que é a principal característica da sua forma de observar, expressar por escrito e, segundo escreve, viver as paisagens domésticas.

Não o preocuparam os embasamentos, nem os telhados, nem os arcos e cunhais.

Pouco ou nada o preocuparam os paramentos de revestimento exterior e interior dos edificadros. Paramentos são alfaia litúrgica nos Te Deum e, aqui, não nos interessavam...

Mas, as formas edificadas do exterior e dos aposentos interiores, sim, essas ele deixou-as passar na escrita.

Do Portugal, de 1787 e de 1794, guardou ao longo da vida afirmações de excentricidade grandiosa, mas também a sua vida de isolamento. Permaneceu nele a atração por Portugal até morrer, que vai simulando como um espaço humano que lhe foi acolhedor em cada momento e que lhe consentiu a sua situação de estrangeiro. Quando publica, em 1834 e em 1835, anotou, reescreveu, mas as marcas da sua paisagem doméstica mantiveram-se.

O registo de inventariação, com ou sem inovação, com ou sem bom gosto, enchem-lhe muitas passagens de reprodução do observado.

Em conclusão final, com todos os limites referidos, e com uma generalização limitada para lá do caso estudado, podemos escrever que, para Beckford, é sempre a natureza que se edifica, e é a História, por vezes a memória, que dá espessura à paisagem doméstica.

Bibliografia

Todas as citações ou remissões para os textos de William Beckford são compostas por uma maiúscula em itálico (*A, D, E, R*) seguida de uma notação de localização temporal (*A e D*) e de construção discursiva e temporal (*E e R*). As maiúsculas referidas condensam a tradução do título de cada um dos quatro textos de William Beckford, tal como fixados, e com proposta de tradução, em Gouveia, António Camões (2004). *Um viajante estrangeiro, um diário, alguns apontamentos, dois livros, Lisboa, a Corte e itinerários pelo Reino*. Lisboa: FCSH.

Assim, por ordem alfabética:

A, dos Apontamentos tomados em 1794 e só editados em 1972 (Gouveia 2004: 191-197).

D, de Diário, contendo a maior coleção contínua de notas, escritas na estada em 1787 e só impressas pela primeira vez em 1954 (Gouveia 2004: 65-190).

E, de Esboços, a versão impressa de 1834 do Diário de 1787 (Gouveia 2004: 199-291).

R, de Recordações, a viagem a Alcobaça e Batalha de 1794, também ela só editada em 1835 (Gouveia 2004: 293-358).

A notação ao longo do texto tem a seguinte composição: A3Jun94 – *Apontamentos*, dia 3 de junho escrito em 1794; D25Maio87 – *Diário*, dia

25 de maio escrito em 1787; EI30Maio34 – *Esboços*, carta I, dia 30 de maio de 1787, editado em 1834; R1°d3Jun35 – *Recordações*, Primeiro dia, 3 de junho de 1794, editado em 1835.

- Beckford, William (1834). *Italy; with sketches of Spain and Portugal*. London: Richard Bentley.
- « — » (1835). *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobça and Batalha*. London: Richard Bentley.
- « — » (1901). *A côrte da rainha D. Maria I. Correspondencia de W. Beckford*. Zacarias d’Aça (ed.). Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.
- « — » (1954). *The journal of William Beckford in Portugal and Spain, 1787-1788*. Boyd Alexander (ed.). London: Rupert Hart-Davis.
- « — » (1972). *Recollections of an excursion to the monasteries of Alcobça and Batalha. With his original journal of 1794*. Boyd Alexander (ed.). Fontwell, Sussex: Centaur Press.
- « — » (1983). *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*. João Gaspar Simões (ed.). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- « — » (1997). *Alcobça e Batalha: recordações de viagem*. Iva Delgado, Frederico Rosa (eds.). Lisboa: Vega.
- Catalogue of the archive of William Beckford, 1772-1857 (1987). <https://archives.bodleian.ox.ac.uk/repositories/2/resources/3196>.
- Chartier, Roger (1988). *A história cultural*. Lisboa: Difel.
- Coquery, Natacha (1991). “Les hôtels parisiens du XVIII^e siècle: une Approche des modes d’habiter”, *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, XXXVIII, 205-230.
- Franco, Carlos (2015). *Casas das elites de Lisboa. Objetos, interiores e vivências (1750–1830)*. Lisboa: Scribe.
- Freixa, Consol (1993). *Los ingleses y el arte de viajar. Una visión de las ciudades españolas en el siglo XVIII*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Gouveia, António Camões (2004). *Um viajante estrangeiro, um diário, alguns apontamentos, dois livros, Lisboa, a Corte e itinerários pelo Reino*. Lisboa: NOVAFCSH, T 4310; <https://catalogo.biblioteca.fcsh.unl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=144006>
- Jack, Malcolm (1996). *William Beckford. An English fidalgo*. Nova Iorque: AMS Press.
- Miguélez, Alicia (2024). “Classic and Gothic, North and South, East and West. William Beckford’s Travels to Southern Europe in Late 18th

- Century”, in Vinni Lucherini and Stefano D’Ovidio (eds.), *Discovering Medieval Art while Looking for Antiquity. Travellers in Southern Europe (17th – Early 19th Centuries)*. Roma: Viella, 45-62.
- Muchembled, Robert (1987). “Pour une histoire des gestes (XV^e-XVIII^e siècle)”, *Revue d’histoire modern et contemporaine*, XXXIV, 87-101.
- Pires, Maria Laura Bettencourt (1987). *William Beckford e Portugal. Uma visão diferente do homem e do escritor*. Lisboa: Edições 70.
- A viagem de uma paixão. William Beckford & Portugal, Empassioned journey. 1787, 1794, 1798* (1987). Queluz: Instituto Português do Património Cultural / Palácio de Queluz.
- William Beckford, 1760-1844: an eye for the Magnificent* (2001). Nova Iorque: The Bard Graduate Center for Studies in the Decorative Arts, Design and Culture.

